

MOVIMENTOS SOCIAIS



As manifestações se reduziram, apesar da hercúlea mobilização na vigília de Curitiba seguir de pé. É preciso que se apresentem novas estratégias, e a tática do momento parece ser de fato a discussão de um projeto popular para o Brasil.

Depois de mais de um mês injustamente preso, Lula segue líder das pesquisas eleitorais, vencendo em qualquer cenário de segundo turno. A soma de brancos, nulos e indecisos chega perto de 50% do eleitorado na ausência do ex-presidente na simulação.

Esses elementos apresentam um drama para o consórcio golpista. Primeiro porque eles continuam com enorme dificuldade de apresentar um nome minimamente competitivo. Segundo porque está consolidada a opinião popular em torno de Lula. Assim, os golpistas, por meio dos grandes grupos de mídia, apresentam uma estratégia desesperada de forçar o PT a lançar um plano B, para jogar Lula no esquecimento.

As reações dos movimentos sociais são contundentes. O MST lançou carta anunciando seu apoio à candidatura de Lula. A Frente Brasil Popular (FBP) prepara a realização do Congresso do Povo, para discutir um projeto popular para o país. Há também o lançamento do Manifesto ao Povo Brasileiro, também pelas entidades da FBP, em defesa do direito de Lula ser can-

didato. Não por acaso, o PT já se mobiliza no sentido de lançar Lula em todos os estados.

Parte dos movimentos sociais populares pode até apoiar as candidaturas de Guilherme Boulos e Manuela D'Ávila, mas mesmo essa parte não arreda pé da defesa do direito de Lula ser libertado e candidato a presidente da República. Ciro, por sua vez, não emplaca um suporte popular à sua candidatura.

Esse cenário traz o seguinte debate: a quem interessa o plano B? Se os movimentos sociais são contundentes na estratégia de defesa de Lula e pelo debate de projeto nacional, se Lula segue se afirmando candidato em suas cartas enviadas desde Curitiba, se o PT continua dando suporte total a Lula nesse ideal, quem quer que o PT lance outro nome?

A resposta nos parece simples: o golpe "precisa" de um processo eleitoral "válido" para que se legitime o processo iniciado em 2016 com a derrubada da presidenta Dilma. Esse processo eleitoral de acordo com a vontade dos golpistas não pode incluir Lula. Simplesmente

porque Lula candidato apresenta chances muito sólidas de vitória, e talvez até mesmo em primeiro turno.

Então, para que Lula seja retirado do cenário, é preciso que o PT apresente uma alternativa. Essa é a ideia dos golpistas: que o próprio PT coloque a peça faltante para a consolidação do golpe. Os movimentos sociais não entram nesse debate exatamente porque esse não é o real interesse do povo.

O real interesse do povo passa pela absurda conjuntura econômica e social. A situação do desemprego, do retorno da miséria, da vida sofrida no Brasil profundo é dramática, e as pessoas sabem que Lula é capaz de reverter esse processo. Mas é preciso que se apresente mais para o país. Da mesma forma que parte do imaginário popular brasileiro não se impressiona com a campanha difamatória em volta de Lula há décadas, por entender que ele apresenta soluções que outros nunca apresentaram, as pessoas sabem que é preciso um projeto sustentável, que mantenha o desenvolvimento e a redução de desigualdades no longo prazo, que mude a história em definitivo.

Esse parece ser o esforço de momento dos movimentos sociais. A preparação do Projeto Brasil Popular e seus múltiplos esforços combinados, como o Projeto BrCidades, todos articulados pela Frente Brasil Popular, apresenta uma consistente opinião de boa parte dos movimentos sociais de quais devem ser os próximos passos para o país.

O PT definiu sua equipe de programa de governo, que deverá, a partir das contribuições do Projeto “Brasil que o Povo Quer”, delinear o debate partidário sobre o Brasil. O engajamento popular na via propositiva pode ser um bom caminho para a solução do entrave político que se vive hoje.

Isso porque as pessoas precisam tratar da saída da crise, de uma forma clara e objetiva, sem que se perca a capacidade de sonhar. Sob o ponto de vista ideológico das propostas, é preciso que se estabeleça um parâmetro: o consórcio golpista está interessado na miséria, no desemprego e na falta de democracia. Esses aspectos são fundamentais para que se entenda qual é a melhor estratégia para ampliar o suporte a Lula. As

pessoas afirmam que votarão em Lula, mas ainda há dificuldade de engajamento social de rua.

O termo popular é de uma importância basilar para a constituição de um projeto de democracia real para o Brasil. Isso porque projetos existem vários: desde aqueles definidos pelo sistema financeiro, até aqueles que tratam de reformas estruturais, sem esclarecer como isso se dá sem legitimidade política ou social. Mas é essencial lembrar que não há sequer um caminho para o país majoritariamente defendido por parcela do povo.

Lula é o único brasileiro que encarna alguma ideia popular. Quer queiram, quer não queiram, esse é o fato. Assim, não é possível falarmos que o necessário projeto popular para o Brasil não precisa passar por Lula. Lula é e será o grande nome do processo eleitoral, e o problema jurídico que isso envolve, nesse momento, é do consórcio golpista e da grande mídia, não do PT.

O PT indica que, nesse momento, irá responder exclusivamente ao povo brasileiro. O PT já sabe que não deve corresponder às expectativas da *Folha de S.Paulo*, do *Estadão* ou da Rede Globo. Mesmo porque esse conglomerado teve seus interesses atendidos na reforma trabalhista, na Emenda Constitucional 95, nos preços da gasolina, no aumento do desemprego, a ponto até mesmo de chegar a afirmar que o desemprego caiu em virtude do desalento, e tratar dessa afirmação em um tom positivo.

O interesse da mídia golpista é antinação, assim como a consolidação dos valores neoliberais atentam contra a própria ideia de projeto nacional. Assim, não é de se esperar que a resposta propositiva chame atenção desses grupos. Mas é de se esperar que a capacidade de agenda dos movimentos sociais e do partido seja aprofundada ao se propor um debate para o Brasil.

O Brasil real passa por esse momento de espera e de debates profundos sobre a sua situação. A prisão de Lula continua, o que prolonga um absurdo com os precedentes históricos da tirania e da perseguição. Mas isso não pode ser em vão.